

5 Conclusão

Nesta dissertação, buscamos conduzir um estudo das construções com *sluicing* no português brasileiro. Diante de dados coletados informalmente com falantes nativos do PB, verificamos haver uma disputa no que diz respeito à aceitabilidade do apagamento da preposição nesse tipo de construção elíptica. Além disso, havia uma disputa sobremodo acentuada nas análises teóricas do *sluicing* no português brasileiro, evidenciada pelos trabalhos de Almeida & Yoshida (2007) e Rodrigues et al. (2009). Essas, portanto, foram as razões que motivaram nossa pesquisa, que buscou elucidar esse fenômeno do *sluicing* no contexto do PB, levando em conta as disparidades reportadas acima.

Partimos, seguindo Rodrigues et al. (2009), da hipótese de trabalho de que, no PB, o fenômeno de *sluicing* com preposição encalhada é função da possibilidade de relativas cortadoras na língua. A partir dessa hipótese, tivemos de lidar com duas previsões dela decorrentes: (i) o *sluicing* com relativas cortadoras é mais aceito com verbos de ação do que com verbos estativos; (ii) o *sluicing* será mais aceito em estruturas com relativas padrão do que com cortadoras. Assim, com base na hipótese descrita e em suas previsões, buscou-se contemplar cada um dos objetivos elencados na introdução deste trabalho.

Primeiramente, apresentamos ao leitor uma visão panorâmica das construções elípticas em geral, na qual se considerou como tem sido definido o termo, os principais tipos de elipse reportados na literatura, os principais questionamentos que se impõem sobre um estudo mais aprofundado das elipses, as principais abordagens e propostas de análise para o tema e os principais argumentos em favor e contra cada uma dessas abordagens. Enfim, nesse momento, procuramos oferecer ao leitor uma revisão bibliográfica que nos permitisse caracterizar o cenário geral em que os estudos sobre as elipses têm se enquadrado.

Em momento posterior, apresentamos o objeto de investigação deste trabalho, a saber, o *sluicing*. Nesse momento, consideramos as análises mais fundamentais para o tipo de elipse em questão, introduzimos algumas estruturas que só ocorrem no contexto do *sluicing*, e apresentamos a disputa de análises que tem caracterizado as pesquisas sobre o tema no português do Brasil.

A fim de, então, estabelecer nossa abordagem para o tipo de elipse em estudo, reportamos os dados de nossa pesquisa experimental. Esta tinha como objetivo principal verificar se, no PB, o encalhamento da preposição no *sluicing* e o apagamento da preposição de dentro de orações relativas eram fenômenos relacionados. Como exposto acima, nossa hipótese era a de que os falantes que aceitassem relativas cortadoras também aceitariam o encalhamento da preposição no *sluicing*. Os resultados apontaram justamente nessa direção, e corroboraram, ainda, aquilo que nossa hipótese nos fazia prever, a saber, que as relativas padrão são mais aceitas do que as relativas cortadoras, no contexto do *sluicing*, e que as relativas cortadoras com *sluicing* preferem os verbos de ação em detrimento dos verbos estativos. Além disso, constatou-se, por meio de nossos resultados, que em estruturas relativas no PB, há uma predileção pelo apagamento em detrimento da repetição do TP.

Sendo assim, buscamos fornecer uma explicação teórica para nossos dados e contribuir para a discussão sobre o *sluicing* no PB, considerando, para tanto, a literatura específica da área. Aventamos, então, a possibilidade de a preferência pelo *sluicing* no PB estar relacionada à proposta da Penalidade do Pronome Repetido (Gordon et al., 1993), segundo a qual as retomadas feitas com pronomes são preferidas em detrimento das retomadas feitas com DP's completos. Nossa suposição foi a de que a preferência pelo *sluicing* ocorre porque há uma opção por não se repetir informação que já foi dada. Ademais, relacionamos essa preferência pelo *sluicing* com os achados de Yoshida et al. (2012), de acordo com o qual sentenças com *sluicing* são, em geral, mais aceitas, pois facilitam o processamento de sentenças com elemento –QU.

Nossos resultados experimentais ainda contribuíram para o tratamento da questão da identidade que se requer entre o sítio elidido e seu antecedente. Aqui, nossa contribuição foi a de que a identidade que se requer parece ser de ordem semântica. Essa assunção decorre da hipótese de *pseudosluicing*, em que a estrutura presente no sítio elidido não é sintaticamente idêntica à estrutura da oração

anterior. Além disso, nossas descobertas de que o apagamento da preposição em estruturas que não envolvem relativas não é permitido corrobora, mais uma vez, a noção de que o encalhamento de preposição no *sluicing* e o apagamento de preposição em estruturas sem *sluicing* são fenômenos relacionados e que o *sluicing* no PB pode sim ser entendido como um caso de *pseudosluicing*.

Nossos dados, portanto, lançam luz ao fenômeno do *sluicing* e contribuem, de forma consistente, para o debate do tema em questão, na literatura em língua portuguesa. No entanto, tais dados constituem apenas uma primeira abordagem do *sluicing* no PB de forma mais detalhada, podendo ser, por essa razão, mais explorados. Nesse sentido, evidências mais robustas poderiam ser obtidas por meio da ampliação do número de participantes no experimento reportado. Poderíamos, ainda, verificar se nossos resultados se mantêm, caso a ocorrência de *sluicing* seja testada com outro tipo de estrutura que não as relativas (como as interrogativas indiretas, por exemplo). Além disso, seria interessante verificar se a preferência por apagamento se mantém, de igual forma, com outros tipos de elipse. Outro possível caminho de investigação seria examinar como se dá o processamento das estruturas com *sluicing* e elipses em geral, levando em conta questionamentos como: como as elipses estão mentalmente representadas? Como a interpretação do material elidido é conduzida? Qual é o custo de processamento das construções elípticas? Como as restrições sintáticas e semânticas impostas a essas estruturas podem interferir, facilitando ou dificultando, o processamento das mesmas? Em que medida esses dados são relevantes para teorias de processamento? Enfim, um possível caminho de investigação seria introduzir um tratamento psicolinguístico ao *sluicing*, considerando-se a literatura sobre o tema. Esse tipo de investigação é um tema ainda não abordado e poderia contribuir para um maior diálogo entre Teoria Linguística e Psicolinguística. Ficam registradas, portanto, essas sugestões para futuras pesquisas.